

IMPERIALISMO, TIRANIA, SOVIETE¹

Julio Antonio Mella

Resumo: O artigo, publicado em 1º. de junho de 1925, trata de caracterizar o imperialismo na América Latina, tomando como referência a atuação dos Estados Unidos no México, em Cuba e no Chile. Estabelece as relações entre economia e política nesta dinâmica capitalista e aponta indicativos para sua superação.

Palavras-chave: Julio Mella; imperialismo; soviète.

Abstract: The article, published in 1º. of June 1925, it tries to characterize the imperialism in Latin America, taking as reference the action of the United States in Mexico, Cuba and Chile. It establishes the relations between economy and politics in this capitalist dynamic and points indicative for its overcoming.

Key-words: Julio Mella; imperialism; soviet.

A cada dia é mais dolorosa a situação da América. O imperialismo ianque não descansa: do petróleo do México e o açúcar de Cuba até o sal do Chile e as concessões “civilizadoras” do Peru, tudo serve para saciar sua ânsia de dominação e aplicar as sobras do capital produzido nos Estados Unidos, extraído dos músculos de seus trabalhadores.

Esta situação econômica, como é natural, tem seu concomitante político. A exploração imperialista do capitalismo ianque está sustentada em cada país por um Governo servil ao amo estrangeiro e necessariamente tirânico com o povo. Todo escravo tem desejo de vingar sua humilhação ao senhor poderoso, exercendo o mesmo vício do abuso da força sobre os mais fracos.

Por esta razão vemos como a primeira atitude de cada republiqueta da América que decide civilizar-se é criar um ditadorzinho para garantir, não as liberdades individuais, nem a segurança física da nação e dos nativos, mas as concessões ao capital estrangeiro sob o pretexto de modernizar o país e de promover o desenvolvimento das riquezas naturais.

O índio e o trabalhador precisam ser os mais “patriotas” neste caso, e contribuir com sua mansidão ao servir no exército do tirano (assim como nas fazendas e fábricas), até acabar com sua própria existência de párias pelas mãos dos novos conquistadores que, como os antigos, se cobrem com a máscara de civilizadores. A história se repete. Mas se repetirá também a epopeia libertadora? É possível (ou, pelo menos, necessário que sim).

A América não pode viver mais uma geração sob as monstruosidades das tiranias de Juan Vicente Gómez, Leguía, Saavedra e a flora centro-americana e antilhana de politiquieiros famintos, que desonram o continente com suas humilhações ao capital invasor.

¹ Publicado originalmente com o título “Imperialismo, tiranía, soviet”, in *Venezuela Libre*, Havana, 1º de junho de 1925. Traduzido por Luiz Bernardo Pericás (USP).

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.2019.v56n2.04.p17>

Os oprimidos do mundo só têm uma esperança: a plêiade de gênios que constitui a direção da política nacional e internacional na Rússia Soviética.

Lênin dizia (e Górkí corroborava) que a Europa era muito mais pobre que a Rússia em grandes homens. Segundo Enrique José Varona -o mais profundo dos pensadores de Cuba-, razão não faltava àquele que “havia sido maior que Napoleão, porque contando com um poder pessoal tão grande como o dele, não o utilizou para seu próprio benefício, mas sim para servir a seu ideal e emancipar as massas”. Os homens de Moscou sabem que o imperialismo não é nada mais que a fase estrangeira do capitalismo, sua última, mais potente e perigosa etapa: inimigos declarados do capitalismo privado que dominou seu país, reconhecem apostolicamente que a causa dos oprimidos pelo capitalismo e o imperialismo é uma só, e que deve ser formada uma frente única para se obter o triunfo [revolucionário], além de mares e fronteiras.

Existem o nacionalismo burguês e o nacionalismo revolucionário; o primeiro deseja uma nação para sua casta viver parasitariamente do resto da sociedade e das migalhas do capital saxão; o último deseja uma nação livre para acabar com os parasitas internos e os invasores imperialistas, reconhecendo que o principal cidadão em toda sociedade é aquele que contribui para elevá-la, com seu trabalho diário, sem explorar os seus semelhantes.

Os movimentos nacionalistas da China, que foram iniciados com o imortal apóstolo Sun Yat Sen e o Kuo Ming Tang; os da Índia, anteriores ao místico Gandhi, que desconhece a lei suprema desta sociedade bárbara: a violência; os do Marrocos, do grande estadista e homem novo Abd El Krim, recebem, em maior ou menor grau, o apoio material e moral dos visionários soviéticos.

Os revolucionários da América que aspirem a derrocar a tirania de seus respectivos países não podem desconhecer esta verdade; já os que aparentam desconhecê-la o fazem porque sua ignorância (ou má-fé) lhes impede de ver a realidade objetiva. Não se pode viver com os princípios de 1789; apesar da mente retardatária de alguns, a humanidade progrediu e ao fazer as revoluções neste século é preciso contar com um novo fator: as ideias socialistas, que, com um matiz ou outro, se arraigam em todos os rincões do globo.

A revolução nas feitorias da América não pode ser realizada para derrocar um tirano e colocar outro, dissimulado, em seu lugar. É preciso mudar, junto com os homens, os sistemas; pois o povo que dá seu sangue a estes movimentos não o derrama por ídolos, mas sim por ideais, mais ou menos sentidos, que os dirigentes lhes pregam, e que são considerados como a panaceia de seus males.

Há uma última razão, de ordem prática, para convencer todos os timoratos da necessidade de adaptar-se às novas orientações da humanidade: o sangue derramado com maior generosidade, dos pampas chilenos até as ruas da Bulgária, é o dos lutadores pelo comunismo. A Revolução, em seu período insurreccional, se faz com sangue, e em sua fase construtiva, com ação e ideias: estamos, por ora, na primeira etapa.

Os que acusam o Soviete de sectarismo não poderão explicar sua generosidade em ajudar todos os escravos do mundo.

É que a Rússia é um povo novo!

É que a alenta um ideal sincero!

É que seus homens são verdadeiros apóstolos!

É que, querendo ou não, ela é o presente, que foi sonho ontem. E que representa a realidade, mesmo não estando de acordo com as teorias pregadas pelos intelectuais em suas bibliotecas. A Rússia é a primeira nação da época atual!

Recebido em 14-07-2019

Aprovado em 09-09-2019

